
De Semióforos, Motivo Edênico e Ensino de Geografia

Maria Lúcia de Amorim Soares*

RESUMO

Tomando o conceito de semióforos a autora trabalha a questão dos mapas, atlas, televisão, vídeos, filmes, computador e internet e seu uso nas aulas de Geografia; o motivo edênico revela o papel da natureza no imaginário social escolar e nacional – a visão do país como natureza paradisíaca da terra. Trazendo para a sala de aula a questão dos semióforos e o motivo edênico no imaginário social brasileiro a autora faz algumas indagações acerca do papel dos professores de Geografia no cenário inicial do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: semióforos; motivo edênico; ensino de Geografia.

Semeiophoros é uma palavra grega composta de duas outras palavras: semeion – “sinal” ou “signo”, e phoros – “trazer para a frente”, “expor”. Apanhando POMIAN (Entre l’invisible et le visible, Libre, nº 3, 1987), citado por Marilena CHAUI, em “Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária” (2000), indica a Nação como Semióforo – Matriz, aquele que será o lugar e o guardião dos semióforos públicos. Por meio da intelligentsia, da escola, da biblioteca, do museu, do arquivo de documentos raros, do patrimônio histórico e geográfico e dos monumentos celebratórios, o poder político faz da Nação o sujeito produtor de semióforos nacionais, e ao mesmo tempo, o objeto do culto integrador da sociedade una e indivisa. Diz Chauí:

Um semeion é um sinal distintivo que diferencia uma coisa de outra, mas é também um rastro ou vestígio deixado por algum animal ou por alguém. Signos indicativos de acontecimentos naturais – como as constelações, indicadores das estações do ano –, sinais gravados para o reconhecimento de alguém – como os desenhos num escudo, as pinturas num navio, os estandartes –, presságios e agouros são também

semeion. E pertence à família dessa palavra todo sistema de sinais convencionados, como os que se fazem em assembléias, para abri-las ou fechá-las ou para anunciar uma deliberação. Inicialmente, um semeiophoros era a tabuleta na estrada indicando o caminho; quando colocada à frente de um edifício, indicava uma função. Era também o estandarte carregado pelos exércitos, para indicar sua proveniência e orientar seus soldados durante a batalha. Como semáforo, era um sistema de sinais para comunicação entre navios e deles com a terra. Como algo precursor, fecundo ou carregado de presságios, o semióforo era a comunicação com o invisível, um signo vindo do passado ou dos céus, carregando uma significação com conseqüências presentes e futuras para os homens. Com esse sentido, um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra, se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como um pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia

* Coordenadora do Curso de Geografia, Professora de Geografia Regional e Professora do Programa de Mestrado da Universidade de Sorocaba (UNISO). Doutora em Ciências: Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço: Av. Dr. Eugênio Salerno, 140 – Câmpus Seminário- Santa Terezinha - 18.035-430 - Sorocaba-SP

heróica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação (2000, p.11-12).

Na exposição à visibilidade é que os semióforos realizam sua significação e sua existência. Seu lugar é público: templos, museus, bibliotecas, teatros, cinemas, campos esportivos, praças e jardins, lugares santos como montanhas, rios, lagos, cidades, em resumo, locais onde a sociedade possa comunicar-se celebrando algo comum e que conserva o sentimento de comunhão e de unidade.

Um objeto, um acontecimento, um animal, uma pessoa, uma instituição é um semióforo. A celebração de um semióforo pode acontecer por meio de cultos, peregrinações representações de feitos heróicos, passeatas, desfiles, monumentos, uma vez que o semióforo é capaz de relacionar o visível e o invisível no espaço e no tempo: o invisível pode ser o sagrado – um espaço além de todo espaço, ou o passado ou o futuro distantes – um tempo sem tempo.

Entretanto, Max Weber, no início do século passado, já expressava a condição de estarmos vivendo um “mundo desencantado”, mundo onde mistérios, maravilhas, prodígios tornaram-se inteligíveis pelo conhecimento científico e regidos pela racionalidade por meio da lógica de mercado. A célebre expressão weberiana induz-nos a dizer que, no modo de produção capitalista, não pode haver semióforos, pois, no capitalismo, tudo é mercadoria, não tendo como ser retirado do circuito da circulação mercantil. Mas, “a suposição da impossibilidade de semióforos na sociedade capitalista só surgiu porque havíamos deixado na sombra um outro aspecto decisivo dos semióforos, ou seja, que são signos de poder e prestígio.” (CHAUI, 2000, p.13), visto serem, também, posse e propriedade daqueles que detêm o poder para produzir e conservar um sistema de crenças ou um sistema de instituições que lhes permite dominar o meio social: chefias religiosas, detentoras do saber sobre o sagrado, e chefias político-militares, detentoras do saber sobre o profano, são os detentores iniciais dos semióforos. Agora, a aquisição de semióforos passa a ter uma nova determinação – a de seu valor por seu preço em dinheiro.

Os semióforos religiosos são particulares à cada crença, os semióforos da riqueza – os do poder econômico, são propriedade privada e os semióforos político-militares, constituintes do patrimônio histórico-geográfico, são nacionais. O semióforo fundamental, aquele que será o guardião e o lugar dos outros semióforos públicos é a nação, construído pelo poder político por meio da intelligentsia (ou de seus intelectuais orgânicos), da biblioteca, do museu, do arquivo de documentos raros, do patrimônio histórico e geográfico, dos monumentos celebratórios e da escola.

Na escola, o motivo edênico que habita o imaginário social brasileiro desde os primórdios da presença europeia – a visão do país como natureza paradisíaca da terra, cristaliza-se: o rio Amazonas é o maior rio do mundo; a floresta amazônica é a maior floresta tropical do planeta; somos um país continental cortado pela linha do Equador e pelo trópico de Capricórnio donde provém contrastes regionais cuja riqueza natural e cultural é inigualável; nossa terra desconhece ciclones, furacões, vulcões, desertos, nevascas, terremotos; aqui “em se plantando, tudo dá”.

O próprio Hino Nacional é edênico. Tome-mos a primeira estrofe por exemplo: o brado retumbante do povo heróico é invenção. Quem bradou foi D. Pedro e o ouvinte do brado foi a natureza, foram as margens do Ipiranga: a referência à liberdade, uma conquista humana, feita logo a seguir, aparece via metáfora natural – a liberdade é o sol cujos raios brilham no céu. Mais à frente, surgem de novo o céu risonho e límpido e o gigante belo, impávido, colosso – colosso pela natureza. A grandeza do futuro é garantida pelo gigantismo natural, o país está deitado em berço esplêndido, iluminado ao sol do novo mundo, nossas terras têm palmeiras, e o símbolo de amor eterno é o Cruzeiro do Sul, que aparece duas vezes no hino. Nas palavras críticas de Nelson Rodrigues (1997): “o Brasil é uma paisagem”. Nas palavras reflexivas de Machado de Assis (1983): “o meu sentimento nativista (...) sempre se doeu desta adoração da natureza. (...) eu não fiz, nem mandei fazer, o céu e as montanhas, as matas e os rios. Já os achei prontos.”

Uma pesquisa nacional feita em 1996 pelo Instituto Vox Populi e outra pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, indagaram se os entrevistados sentiam orgulho de ser brasileiros e quais os motivos para o orgulho. Enquanto 60% responderam afirmativamente, somente 5% disseram sentir vergonha do país. Esses dados indicam uma taxa de orgulho que se coloca entre as mais altas do mundo. Segundo dados do Word value survey para 1990, apenas os Estados Unidos e a Irlanda registram percentagem de “muito orgulho” bem acima da brasileira. Taxas comparáveis são as do Canadá, México e África do Sul. Muito abaixo estão as da Holanda, Alemanha e Japão.

Quanto aos motivos de orgulho, foram enumerados, em ordem decrescente: a natureza (35%), o caráter do povo (16%), as características do país (13%), esportes/música/carnaval (9%). No item natureza, alguns exemplos de respostas: natureza maravilhosa, paisagem, terra maravilhosa, terra santa, Amazônia, florestas, montanhas, pantanal, cachoeiras, orla marítima, o verde, o sol, ar puro, a fauna, a flora, aspecto geográfico, beleza física, beleza geográfica, beleza natural, beleza das praias, praias do Nordeste, país mais bonito do mundo, país abençoado, fertilidade do solo, terra rica, país mais rico do mundo, riquezas minerais, país continental, grandeza do país, clima tropical, clima bom, não ter terremoto, furacão, tufão, beleza do povo, as mulheres bonitas (corpo é natureza).

“Caráter do povo” inclui traços de personalidade do brasileiro considerados positivos. Exemplos: povo solidário, trabalhador, unido, esforçado, cordial, artístico, hospitaleiro, bom, alegre, pacífico, ordeiro, simples, acolhedor, amigo, amoroso, carinhoso, capaz, honesto, humanitário, religioso, inteligente, livre, festivo, feliz, Getúlio Vargas, Ayrton Senna, Juscelino Kubitschek, Xuxa, etc. “Características do país” incluem conquistas humanas. Exemplos: ausência de discriminação racial, de terrorismo, de conflitos, de pena de morte, paz, liberdade de opinião, de expressão, de religião, democracia, progresso, campanha da fome, o Plano Real, etc.

Na escola, o motivo edênico que habita o imaginário social brasileiro cristaliza-se nas aulas de Geografia. O Brasil é:

1) “um dom de Deus e da Natureza”; 2) tem um povo pacífico, ordeiro, generosos, alegre e sensual, mesmo quando sofredor; 3) é um país sem preconceitos (é raro o emprego da expressão mais sofisticada “democracia racial”), desconhecendo discriminação de raça e de credo, e praticando a mestiçagem como padrão fortificador da raça; 4) é um país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e, aqui, só não melhora e só não progride quem não trabalha, não havendo por isso discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem, que, como se sabe, é a mãe da delinquência e da violência; 5) é um “país dos contrastes” regionais, destinado por isso a pluralidade econômica e cultural. Essa crença se completa com a suposição de que o que ainda falta ao país é a modernização – isto é, uma economia avançada, com tecnologia de ponta e moeda forte, com a qual sentar-se-á à mesa dos donos do mundo (CHAUÍ, 2000, p.8).

A contradição passa despercebida, apesar de visível: existência de crianças de rua, chacinas dessas crianças, desperdício de terras não cultivadas, massacres dos sem-terra, existência de favelas, grande número de desempregados ao mesmo tempo, afirmando que temos orgulho de ser brasileiros porque somos um povo pacífico, ordeiro e inimigo da violência.

Na escola, o motivo edênico que habita o imaginário social brasileiro cristaliza-se nas aulas de Geografia através de um semióforo: o mapa do Brasil. Mapas e globos fazem parte do mito fundador da Geografia – mito enquanto representação homogênea e forte e que permite crer na identidade da “coisa”. Assim, pendurado na parede ou carregado em pesados atlas, ou, ainda, colado de livros em papel vegetal, pintado com cores vistosas e (re)colado em cadernos espiralados, o mapa do Brasil é apenas a certeza que o lugar existe, reforçando o verso musical do poeta modernista Cassiano Ricardo (1970): “O Brasil tem a forma de uma harpa”. Não há conflitos, apenas existem os planaltos, as planícies, os rios, as matas. No dizer de

Cassiano Ricardo: “parece que Deus derramou tinta por tudo”, mas não sangue, já que nossa história foi escrita sem derramamento desse líquido pastoso.

No semióforo “mapa do Brasil” (ou qualquer outro mapa – nos dias de hoje, especialmente o do Afeganistão e seu entorno), cristaliza-se o sinal distintivo do professor de Geografia: fazer a ligação com o inviável, um signo que, vindo do passado pela construção dos bandeirantes no caso do Brasil, construção solidificada por Caxias e o Barão do Rio Branco posteriormente, carrega uma significação com conseqüências presentes e futuras para os homens, visto um semióforo ser fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação.

Entretanto, um mito fundador não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se. No caso da disciplina escolar Geografia, o imperativo do desenvolvimento das mídias passa a predominar e o professor passa a requisitar televisão, vídeo, filmes para se ver a evasão rural e o inchamento das cidades, a multiplicação das favelas e as populações de rua, os sem-terra, sem-teto, sem-cidadania, as habitações verticais, o trânsito que paralisa as ruas, os luxuosos condomínios suburbanos, as grades, as cercas eletrificadas, os cães ferozes, os shoppings-centers. Tudo via tela, no dizer de Baudrillard: um simulacro.

Agora, uma nova quadra histórica traz o computador e a internet (re)atualizando o mito fundador. Uma pátina densa de grafite cobre as cidades brasileiras, por exemplo, tornando-as veladas, opacas, desarticuladas, porosas, devorando uma população negligenciada, difusa, erradia, maleável.

Mudaram os tempos. Mudamos nós? Trazendo para a sala de aula a questão dos semióforos e o motivo edênico no imaginário social brasileiro fica uma profunda indagação: são os mapas e globos, as televisões, os vídeos e os filmes, o computador e a internet somente semióforos, enquanto signos de poder e de prestígio do professor de Geografia? Enquanto providos de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível, seja no espaço ou no tempo, e expostos à visibilidade – aí realizando sua significação

e existência –, respondem os semióforos ao verdadeiro ensino e a real aprendizagem da Geografia no cenário inicial do século XXI? É como inquietação que os professores entendem o desabafo de Nelson Rodrigues ao se exprimir de maneira contundente como era de seu feitio: “Ah, o Brasil não é uma pátria, não é uma nação, não é um povo, mas uma paisagem? Empunha o professor de Geografia o mapa para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica como relíquia heróica? Evento emblemático a aula de Geografia, como emblemático este nosso Brasil no dizer de Mário de Andrade (1976):

“Juntos formamos esse assombro de misé-
rias e grandezas, Brasil, nome de vegetal!
...” [...]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

CHAUÍ, Marilena. Brasil – mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

MACHADO DE ASSIS. Obras completas: A semana (1892-1893). Rio de Janeiro: W.M.Jackson. v.1, 1983

RICARDO, Cassiano. A Marcha para oeste: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

RODRIGUES, Nelson. A cabra vadia – novas confissões. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Of Semeiophoros, the Eden Motif and Geography Teaching

ABSTRACT

From the concept of semeiophoros the author addresses the issue of using maps, atlas, television, videos, films, computers and the internet in the geography classes; and the Eden Motif reveals the role of nature in the school and national social imaginary, the way of seeing the nation as a paradisiacal nature of the earth. Bringing into the classroom the question of semeiophoros and the Eden motif within the Brazilian social imaginary, the author poses some questions on the role of the geography teacher in the scenario of the early Century XXI.

KEY-WORDS: semeiophoros; the eden motif; geography teaching